

Proposta e avaliação de um Corredor Cultural para o ensino superior do sudeste brasileiro: novas interfaces entre cultura, educação e extensão universitária

Paulo Nunes¹

Resumo

O artigo busca relatar e avaliar a implementação do Corredor Cultural (FORPROEX 2016/2017). O projeto englobou uma série de ações para a circulação dos fazeres artístico-culturais produzidos nas universidades da região sudeste brasileira. A partir do mapeamento e diagnóstico das demandas locais, seu calendário de atividades foi organizado em formato anual e envolveu 16 diferentes instituições. No intuito de partilhar as experiências adquiridas e avaliar as implicações do projeto para o desenvolvimento do campo artístico-cultural no ensino superior público nacional serão apresentados: a metodologia de trabalho, o balanço das ações e o resultado de uma série de cinco entrevistas semiestruturadas realizadas com os gestores do projeto. As informações foram organizadas em seis categorias de análise e versam a respeito de diferentes temas, posicionando o projeto como um marco importante para as políticas culturais voltadas ao ensino superior do Brasil.

Palavras-chave

Cultura. Ensino superior. Gestão universitária. Atividades culturais.

1. Doutorando em Sociologia, Cidades e Culturas Urbanas no Centro de Estudos Sociais na Universidade de Coimbra, Portugal; professor na Universidade Federal de Itajubá, Minas Gerais, Brasil; pesquisador visitante na Amsterdam School for Cultural Analysis, Universidade de Amsterdã, Holanda. Desenvolve investigações e projetos comunitários ligados à cultura, festivais, políticas culturais, cidade e planejamento urbano. E-mail: paulonunes.unifei@gmail.com

Proposal and evaluation of a Corredor Cultural for higher education in Southeastern Brazil: new interfaces between culture, education and university extension

Paulo Nunes²

Abstract

This paper aims to report and evaluate the implementation of the Corredor Cultural (FORPROEX 2016/2017). The project encompassed a series of artistic-cultural actions produced in the Universities of the Brazilian Southeastern Region. From the mapping and diagnosis of local demands, its calendar of activities was organized in annual format and involved 16 different institutions. In order to share the experiences acquired and evaluate the project implications for the development of the artistic-cultural field in public national higher education, this paper will present the methodology, the content of actions and the result of a series of five structured interviews made with the project managers. The information was organized in six categories of analysis and dealt with different themes, putting the project as an important landmark for cultural policies geared towards higher education in Brazil.

Keywords

Culture. Higher education. University management. Cultural activities.

2. PhD student in Sociology, Cities and Urban Cultures at the Center for Social Studies, University of Coimbra, Portugal; professor at the Federal University of Itajubá, State of Minas Gerais, Brazil; visiting researcher at the Amsterdam School for Cultural Analysis, University of Amsterdam, The Netherlands. Develops community research and projects related to culture, festivals, cultural policies, city and urban planning. E-mail: paulonunes.unifei@gmail.com.

Introdução

Menor que meu sonho não posso ser.
(Lindolf Bell, Poema do Andarilho)

Das veredas entre universidade e cultura, fez-se um Corredor

Sendo um país bastante representativo no contexto Íbero-americano, o Brasil conta, segundo os dados do último Resumo técnico do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Anísio Teixeira, realizado em 2015 (INEP, 2015), com 2.368 Instituições de Ensino Superior espalhadas em todo o território nacional, das quais 298 são de categoria administrativa pública e responsáveis pelo oferecimento de 793.948 vagas (LORENZONI, 2017).

Em linhas gerais, o crescimento do ensino superior no país nas últimas décadas enfrenta os desafios da democratização do acesso, da articulação com as outras etapas da formação escolar e do provimento de educação com qualidade ligada com os demais setores da sociedade, incluindo-se aí o campo cultural. Os debates acerca do papel social da Universidade, da valorização das práticas extensionistas e da presença do Estado na gestão da educação, proteção e fomento dos bens culturais indicam a necessidade de desenvolvimento contínuo e sustentado da prática dentro do campo de atuação das Instituições Públicas de Ensino Superior (IES) brasileiras. A cultura ocupa um papel decisivo nessa dinâmica, conforme pondera o pensador francês Jean Caune: ela constitui-se como aspecto central no processo ensino-aprendizagem, uma vez que se constitui de um “fenômeno de apropriação que permite ao sujeito construir um ‘próprio’ e de ser a matriz, ter o controle e estratégias da constituição de si”³ (CAUNE, 2012).

De acordo com os princípios do Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014) e alinhado com as três dimensões da cultura – simbólica, cidadã e econômica – previstas no Plano Nacional de Extensão (BRASIL, 2001) e no Plano Nacional de Cultura (BRASIL, 2010), o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) Regional Sudeste reestabeleceu em 2013 as discussões iniciadas em 2010 pelo extinto Consórcio das Universidades Federais do Sul-Sudeste de Minas Gerais antes para a viabilização de um projeto capaz de articular as IES do Estado. A ideia foi expandida para toda a Região Sudeste, abrangendo os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo em um grande circuito cultural conectando universidade, comunidade acadêmica local e entorno, promovendo trocas e circulação dos projetos e grupos culturais entre toda a região sudeste.

Sob o título “Cultura y extensión universitaria en Brasil: un Corredor de relatos”, a implementação e avaliação da fase piloto do projeto, ocorrida entre janeiro e dezembro de 2015, foi apresentada no XII Congresso Espanhol de Sociologia ocorrido em Gijón/Astúrias (NUNES JUNIOR et al., 2016). Embora alguns dos tópicos daquela época reincidam na avaliação final realizada com a equipe gestora na conclusão da fase de implementação do projeto ocorrida entre 2016 e 2017, achei pertinente publicar o material em um canal de publicação que fosse significativo para a extensão universitária e para o campo das políticas no Brasil, tendo em vista o alto grau de abrangência e repercussão que o Projeto Corredor Cultural adquiriu nos últimos anos.

O desenho e dados gerais do projeto estão explicitados em uma série de canais de comunicação (RENES, 2015; CORREDOR CULTURAL, 2007), e para além da divisão

3. Tradução própria. Original em francês: “phénomène d’appropriation qui permet à la personne de se construire un ‘propre’ et d’avoir la maîtrise d’une stratégie de construction de Soi”.

da programação em quatro eixos específicos (Mostras e Exposições; Cursos e Oficinas; Música e Artes da Cena), é importante retomar aqui a calendarização do projeto, feita em quatro diferentes fases: Etapa 1 – Mapeamento, organização e delineamento geral do projeto; Etapa 2 – Pré-produção; Etapa 3 – Produção; Etapa 4 – Pós-Produção (NUNES JUNIOR et al., 2016). Cada uma delas contou com uma série de ações específicas, construídas de acordo com as demandas originadas pelo contato com cada uma das IES participantes.

À equipe gestora e técnicos administrativos envolvidos na operacionalização do projeto juntaram-se, ao meio do caminho, um grupo de cerca de 20 bolsistas originários das IES envolvidas. Todas as atividades de execução foram planejadas de forma articulada entre a equipe de trabalho responsável pelo projeto dentro do FORPROEX, as IES de origem das produções e as IES receptoras de cada uma delas, visando acertar detalhes gerais para a viabilização das datas e circulação dos grupos e propostas culturais elegidas. Por fim, as IES envolvidas alinharam agendas e realizaram os últimos ajustes e repasses técnicos necessários à realização dos eventos previstos. Dezesesseis delas declararam interesse em participar do projeto, cadastraram suas propostas culturais e foram envolvidas na circulação dos eventos.

Em comparação com o projeto piloto realizado em 2015, é possível dizer que a execução do projeto avançou consideravelmente. Segundo informações concedidas pela Comissão Executiva, o balanço geral das propostas cadastradas na plataforma de mapeamento no ano de 2016 resultou em 110 inserções de propostas culturais, das quais 76 foram eleitas para circulação dentre os quatro eixos temáticos do projeto após a fase de admissibilidade de propostas.

As IES participantes elegeram um total de 52 propostas com interesse a serem produzidas em seus diferentes campi universitários. No

entanto, em virtude da greve nas instituições federais, dos atrasos na liberação de recursos pelo Ministério da Cultura e das restrições de agenda por parte dos grupos e artistas participantes houve atrasos no andamento do projeto. Os bolsistas, que haviam sido selecionados em abril de 2016, somente puderam ser contratados cinco meses depois, quando então puderam ser iniciadas as atividades previstas nos procedimentos já aprovados no início do ano. As oficinas de formação para os bolsistas e técnicos administrativos envolvidos foram realizadas em outubro de 2016 em três diferentes polos, e receberam ao todo 58 participantes oriundos das 16 IES participantes. Na prática, a circulação dos grupos e projetos culturais começou a ocorrer apenas em novembro de 2016. Todo o detalhamento das ações realizadas pode ser checado no website oficial do projeto (CORREDOR CULTURAL, 2007).

Em cena, a avaliação dos gestores

No mês de maio de 2017, foi lançado aos gestores envolvidos por meio de correio eletrônico um roteiro de entrevista semiestruturada contendo sete diferentes questões: 1) De uma forma geral, como você avalia a execução da 1ª Fase do Corredor Cultural Sudeste? 2) Quais os pontos fracos/desfavoráveis à implementação do projeto? 3) Quais os pontos fortes/favoráveis à implementação do projeto? 4) Quais os aprendizados adquiridos na gestão do projeto? Enumere possíveis práticas exitosas observadas nesta primeira fase de implementação. 5) Quais os desafios existentes na gestão do projeto, tendo em vista sua natureza interinstitucional? 6) Quais alterações são necessárias para a segunda fase de implementação do projeto? 7) O projeto trouxe avanços para o diálogo entre cultura e universidade? Se sim, quais são eles?

Todas essas questões foram feitas de forma a deixar com que o interlocutor manifestasse livremente sua opinião em torno dos pontos

abordados. Os dados foram obtidos a partir do retorno de cinco entrevistas por escrito enviadas via correio eletrônico, recebidas entre os meses de maio e julho de 2017 e organizadas em seis diferentes categorias de análise. Os respondentes ocupam cargos efetivos em diferentes IES da Região Sudeste como professores e/ou gestores técnicos, e atuaram de forma direta em todas as fases de implementação do Projeto Corredor Cultural. Para a garantia de sigilo de respostas, as falas dos/as entrevistados/as serão citadas com as identificações E1, E2, E3, E4 e E5.

Metodologia, mapeamento e sistema informacional

A situação inicial do pouco conhecimento de bens e produtos culturais desenvolvidos nas IES brasileiras foi o principal motivo da criação de um sistema que pudesse mapear informações que, posteriormente, circulassem por toda a região sudeste. No processo de contratação de serviços para o projeto foi utilizado um dispositivo de software que cumprisse esta demanda. Assim, “o projeto Corredor Cultural possibilitou um mapeamento artístico-cultural das universidades. Estes dados podem atuar como um importante ‘catálogo’ para a produção cultural no país” (E3). Embora em um primeiro momento tal sistema tenha se mostrado interessante, uma vez que cruzaria, em uma mesma plataforma, os dados gerais de cada proposta cultural com a produção prática (logística de transporte, hospedagem e alimentação do evento), durante o andamento das atividades o sistema apresentou algumas dificuldades. A princípio, porque os atrasos no início da execução do Corredor fizeram com que ele não fosse ágil o suficiente para acompanhamento do projeto, especialmente porque havia a necessidade de atualização das informações e realização das atividades em curto espaço de tempo. Além disso, ao longo de sua utilização prática o sistema apresentou

“problemas de atualização na plataforma” (E1), falhas operacionais em downloads de imagens e outras ferramentas, acarretando em prejuízos e subaproveitamento de suas potencialidades. Como medidas paliativas, foram recorrentemente utilizadas outras plataformas digitais gratuitas.

Do ponto de vista metodológico mais geral, a estrutura e passo a passo de execução dos trabalhos foram alvos de elogio e críticas por parte das IES, especialmente durante o teste da fase piloto em 2015. Naquela época, como argumentos favoráveis constaram, por exemplo, o ineditismo e potencialidades do projeto em médio e longo prazo. As opiniões contrárias fizeram menção, sobretudo, à fase de eleição das propostas: a escolha de atividades culturais por parte das instituições foi pensada de forma isolada, e não em regime de circuito (NUNES JUNIOR et al., 2016), deixando a desejar a necessária sincronização de agendas que deveria ser estabelecida entre as IES participantes. “O ideal seria que os eixos de circulação fossem articulados de forma combinada entre as IES requerentes, seguindo critérios de proximidade geográfica e facilidade logística de transporte, e isso acabou não ocorrendo de forma satisfatória” (NUNES JUNIOR et al., 2016). A mesma ideia explica também problemas na metodologia de escolha de datas específicas pela instituição que receberam determinados eventos, o que acabou por ocasionar lacunas e intervalos desnecessários nas agendas dos grupos e artistas e das próprias universidades.

Comunicação interinstitucional e equipe de trabalho

Um dos principais pontos responsáveis para o bom desenvolvimento das ações, citado nas respostas, foi a coordenação executiva interinstitucional criada para gerir o projeto, tanto por ela se mostrar capacitada para atuar no campo da produção cultural, quanto pela “motivação e comprometimento do grupo,

independentemente de suas instituições de origem” (E5). O caráter plural da gestão do programa e a troca de ideias e opiniões de vários representantes institucionais fizeram com que o Projeto Corredor Cultural Sudeste pudesse conectar as IES da região em um grande circuito cultural. A fala do Entrevistado 3 endossa essa ideia, quando diz que:

Para atuar em um projeto dessa natureza, que envolve pessoas de diferentes formações e experiências, é necessária uma articulação além do profissional. E ao mesmo tempo, foi possível perceber que para obter êxito em um projeto interinstitucional é preciso que o projeto seja, de fato, “aceito” pelas instâncias institucionais das envolvidas. (E3).

É importante destacar que o organograma e as funções direcionadas aos membros da Comissão Executiva alteraram-se no andamento prático do projeto. As coordenações regionais não obtiveram o êxito previsto inicialmente devido à dificuldade de montagem da programação nos eixos programáticos descritos na metodologia de trabalho e, em linhas gerais, o trabalho acabou centralizando-se principalmente entre “três instituições (Universidade Estadual de Campinas – direção geral e direção de comunicação; Universidade Federal de Alfenas – direção de produção; e Universidade Federal de São João del-Rei – direção financeira)” (E4).

O bom engajamento da equipe na coordenação do projeto também foi um ponto recorrente – “esse foi o principal fator que, em minha opinião, permitiu que chegássemos a esse grau elevado de realização; mesmo dividindo a coordenação entre pessoas e instituições de lugares distantes e de diferentes formas de atuação” (E4). A esse aspecto soma-se também a atuação dos bolsistas, “pois demonstraram grande interesse pela produção cultural e provavelmente se tornarão multiplicadores no futuro” (E3). O comprometimento e agilidade deles foram, sem dúvida, aspectos

favoráveis e importantes na execução prática do projeto, “inclusive criando possibilidades de comunicação imediata e permanente, utilizando para isso ferramentas pré-existentes da internet (Google, Facebook)” (E4).

Os principais desafios referentes às relações entre as IES participantes e a equipe de trabalho tocaram em pontos como “o grau de compromisso das instituições e das pessoas, tendo em vista às suas inúmeras funções, e que dificulta a comunicação no tempo certo e causa transtornos na fluidez das decisões e ações” (E2); os ruídos existentes nos repasses feitos nos encontros do FORPROEX, uma vez que “os participantes receberam as informações completas sobre o andamento, mas nem sempre as repassaram adequadamente aos executores (produtores e bolsistas)” (E4) em suas respectivas unidades.

Políticas Públicas de Cultura e Articulação Regional

Embora este tema não tenha sido mencionado de forma direta pela maior parte dos entrevistados, foram registradas falas que endossaram a importância da institucionalização legal do projeto. Na esfera local, por exemplo, merece destaque a fala do Entrevistado 5, o qual relata que o projeto respaldou o plano de gestão de sua universidade “defendido em 2012, para o período de 2013 a 2016, no qual constava a proposta de criar projetos em rede cultural com as IES da Região Sudeste do FORPROEX para ser um canal aberto ao diálogo entre as universidades públicas” (E5). Em nível nacional, as falas mencionaram a “falta de recurso específico do governo federal para a cultura das e nas instituições” (E5) a necessidade de “adquirir recursos via MinC e MEC e envolver um maior número de instituições que possam participar do intercâmbio destas ações extensionistas” (E1), que está ligada diretamente à “inexistência – quase integral – de uma política

governamental [MEC] para a cultura nas IES” (E5).

Além dos aspectos mais gerais ligados à institucionalização e financiamento das políticas culturais, essa seção refere-se também à articulação regional propriamente dita. Nas seções anteriores e em outros trabalhos já publicados sobre o projeto (NUNES JUNIOR et al., 2016), existe a menção de alguns pontos que expressam fragilidades no projeto referentes às estratégias de articulação, tais como o cancelamento de agendas de eventos por motivos diversos e problemas de comunicação entre as IES e os grupos culturais pela ineficácia de um sistema operacional consistente. Em contrapartida, existe também uma série de falas que destaca a importância da realização da primeira fase do projeto para o tema da articulação institucional, mesmo com instituições de realidades sociais, geográficas e culturais tão distintas. Para além destas fronteiras cabe destacar ainda outro aprendizado adquirido, “a busca das parcerias com as esferas públicas e privadas [utilização de equipamentos culturais] promovendo uma participação efetiva de diferentes atores no conceito do projeto” (E5).

Pontos fracos e ameaças

Desde o início dos trabalhos, um dos primeiros desafios foi, sem dúvida, “a incompreensão por parte das IES em participar [ou desistir] do projeto” (E5), tendo em vista o caráter inédito que esse modelo de projeto representava para a administração universitária no campo da cultura. A falta de recursos externos específicos e a inexistência de procedimentos administrativos comuns às quase 20 instituições previstas inicialmente para integrarem o projeto fizeram com que a equipe de trabalho se engajasse na elaboração de “soluções imaginativas para os canais burocráticos nelas existentes” (E5). Foi citada também a dificuldade

referente à alternância de interesses políticos e troca de gestão, uma vez que o “caráter efêmero das representações faz com que sejam interrompidos os processos nas universidades e, nesse sentido, os recomeços, tão positivos em outras esferas, nesta não contribuem, e perde-se a continuidade” (E2).

Para além destes desafios iniciais básicos, a “escassez de recursos humanos e de capacitação para atender às inúmeras demandas do Corredor Cultural” (E5), a “falta de um mapeamento – mais claro e extensivo em equipamentos culturais, rádios e TVs universitárias – e os indicadores de produção artístico-cultural no ensino superior da Região Sudeste” (E5) mostravam-se como importantes barreiras a serem transpostas. Com o desenrolar dos fatos outras questões ainda vieram à tona, em especial, a “greve nas IES federais logo após o início da realização do projeto” (E2), apontada na fala de vários dos entrevistados. O “alto custo da produção artístico-cultural [pagamentos, logísticas]” (E5) dos grupos, e ao mesmo tempo a “limitação de recursos para transporte” (E1) nos primeiros meses do projeto completavam o cenário que deixava a execução das atividades de circulação bastante problemática. Vencidos esses desafios iniciais, no andamento prático das ações culturais surgiram ainda outras questões, tais como

o amadorismo e a inexperiência dos grupos culturais em relação à produção cultural em geral. Mesmo não sendo grupos profissionais, pois a proposta é circular a própria produção universitária, falta um pouco de “profissionalismo” em relação ao entendimento da dinâmica da produção cultural, incluindo logística, comunicação etc. (E3).

Outra fragilidade encontrada na montagem da agenda de atividades, citada em três das cinco entrevistas recebidas, foi o tratamento das atividades do Corredor Cultural

“como ‘adereços’ de atividades acadêmicas, isto é, como abertura ou encerramento de outros eventos. Com isso, perderam-se oportunidades de comunicação e fortalecimento da cultura como protagonista de uma ação” (E3). Essa concepção limitada de conceito, programação e desenvolvimento cultural na universidade impactou de forma central a montagem dos eixos de circulação previstos inicialmente no projeto, uma vez que “a solicitação de atrações para a apresentação dos artistas/grupos em eventos acadêmicos era feita em agenda pré-definida pelas IES” (E4). Como resultado, nesses casos “as apresentações funcionaram mais como entretenimento de um público participante de outro evento científico do que do próprio Corredor Cultural, diluindo a importância do projeto como gerador de possibilidades de intercâmbio cultural” (E4).

Se em um primeiro momento “a ideia era definir uma agenda que permitisse fazer um artista/grupo circular em ao menos duas IES próximas, aproveitando o mesmo transporte” (E3), com a circulação individualizada dos grupos, isso se mostrou inviável, caracterizando-se, em alguns momentos, muito mais em uma “negociação bilateral entre as duas instituições envolvidas (IES de origem e IES receptora) mediada pelo Corredor Cultural do que propriamente um circuito de cultura universitária” (E3).

(Outros) Pontos fortes

Endossando o que foi explicitado em categorias de análise anteriores, “a capacidade de articulação de várias instituições tanto na coordenação do projeto como na execução dos eventos propostos” (E1) foi citada de distintas formas: pelas “diferentes possibilidades de interação institucional a favor da cultura para os gestores universitários” (E3); “na articulação com o Ministério da Cultura” (E1), e mesmo na “realização de agenda de circulação em tempo

recorde” (E4).

Pela análise das falas, a oportunidade de circular a produção cultural do ensino superior público em diferentes cidades por parte dos grupos de estudantes foi possivelmente o aspecto positivo mais significativo do projeto, tal como foi explicitado pelo Entrevistado 3: “vejo esta possibilidade como o principal ponto forte, pois dificilmente os grupos artísticos ligados às universidades conseguiriam realizar essa circulação por conta própria ou mesmo pela própria universidade” (E3). Ao colocarmos o olhar sobre os objetivos gerais que movem o projeto, de fato a “possibilidade (por vezes de forma pioneira) de levar novos artistas para fora de suas instituições de origem e para outros locais/estados” (E1) e a “circulação dos grupos culturais” (E3) é um marco para a temática cultural nas IES brasileiras. A este ponto soma-se ainda o caráter relacional existente entre universidade e sociedade no contato entre os grupos culturais e o espectador – “potencialidade de um público aberto à diversidade cultural” (E5) – tão tocante à dimensão simbólica da extensão universitária e notadamente visível na execução prática do projeto a partir da descrição das falas: “a interação entre os universitários envolvidos diretamente nas atividades do Corredor Cultural” (E3); “a interação de estudantes/artistas com outros estudantes; a valorização da arte e da cultura por meio da Extensão” (E1).

Outro destaque importante a ser mencionado nesta sessão, e resgatado na fala do Entrevistado 5, foi

a inclusão dos cursos de produção cultural [em algumas cidades] para os nossos estudantes bolsistas e aberto ao grupo de técnicos administrativos, o qual iniciou uma contribuição para a formação cultural do estudante na universidade [...] e capacitação com o nosso quadro técnico administrativo existente. (E5).

Por último, nessa categoria é preciso enquadrar ainda a “existência de bens culturais inerentes às IES e acessíveis às suas comunidades; unidades acadêmicas, projetos e programas que contemplem produtos artísticos culturais” (E5) advindos das universidades. Potencializados pelos diferentes programas de atuação em rede criados a partir de uma gestão cultural universitária compartilhada, eles podem desdobrar-se em oportunidades de aprendizagem e fruição cultural bastante significativas, tal como foi enfatizado pela Entrevistada 2, quando pontuou a primeira fase do projeto como

ponto de partida para o aperfeiçoamento da metodologia e formato a fim de que o projeto se estabeleça como algo possível e extremamente positivo para as Instituições, para a Comunidade e, sobretudo para a Educação e a Cultura a fim de que esta última possa ocupar e assumir o espaço e o papel que deve ser reservado a ela no processo de educação para a vida e para a cidadania. (E2).

Avanços

De maneira geral, a avaliação por parte dos gestores e produtores entrevistados foi bastante positiva, pois “apesar das dificuldades, conseguiu-se atingir os objetivos do projeto que eram realizar um intercâmbio entre as instituições de ensino superior e atingir a comunidade interna e externa por meio da promoção da cultura” (E1). Ou, de acordo com o Entrevistado 3,

por ser um projeto interinstitucional e, de certa forma, inédito, a primeira fase pode ser considerada como o projeto piloto de sucesso de um grande programa universitário de cultura. Mesmo com as instabilidades no final

de 2016, principalmente em relação à greve nas universidades, percebemos a viabilidade da circulação da produção cultural universitária. (E3).

A partir disso e concatenados com argumentos já apresentados em outras seções, foram inúmeros os avanços citados nas respostas recebidas. “Saber e ver que várias universidades públicas da região sudeste pensam, agem e se inquietam pela causa cultural dentro e fora das mesmas, tal qual, nos propusemos a pensar, agir e também se inquietar” (E5). “As instituições precisam intensificar a interação com a comunidade externa e a Cultura constitui espaço e lugar para que esta interação ocorra” (E2). Ao mencionar sobre os avanços, a Entrevistada 2 tocou em pontos como “a interatividade e a troca de experiências para todas as pessoas envolvidas e grupos que circularam, bem como a participação da comunidade externa às instituições” (E2).

O desenvolvimento da primeira fase do projeto foi também um marco importante para a institucionalização da extensão universitária a partir da cultura: “o projeto colocou a temática de forma efetiva nos calendários e pautas das reuniões do FORPPROEX tanto regional como nacional e, acredito que também nas instituições parceiras. A temática ganhou espaço e a comunicação sobre a importância da cultura aconteceu de forma muito positiva” (E2). “Por meio da extensão, foi possível ofertar eventos na área cultural e debater o próprio conceito de cultura, daí a importância de organizarmos eventos com um caráter extramuros da universidade, aumentando ainda mais a capacidade de interação e diálogo com a sociedade” (E1).

A Entrevistada 4 mencionou em suas respostas as impressões positivas dos questionários de avaliação direcionados pela Comissão Executiva ao público e artistas participantes, os quais

apontam que ações e projetos como o Corredor Cultural FORPROEX Sudeste dão visibilidade e importância a esse campo para as instituições de ensino superior. Pessoas externas à comunidade acadêmica também estiveram presentes, demonstrando as imensas possibilidades de articulação que a arte e a cultura – pensadas e desenvolvidas nas universidades – que podem e devem representar nessa relação universidade-sociedade. (E4).

A mesma entrevista acenou ainda para a importância de que as ações para a cultura e extensão universitária não se detenham apenas em eventos pontuais:

é preciso que os dados e relatórios sejam amplamente disponibilizados, para que os resultados percebidos pela equipe dirigente sejam apropriados pelos dirigentes de todas as IESs, incentivando, assim, a discussão sobre a necessidade de implantação de políticas para o campo cultural. (E4).

Considerações finais e continuidades

Pela magnitude e complexidade representada inicialmente pelo projeto, e principalmente pelo desejo incessante dos membros da equipe executiva em realizá-lo, o verso-epígrafe do poeta Lindolf Bell – citado por um dos entrevistados no processo de elaboração deste artigo – fez-se o ensejo perfeito para iniciar a redação deste texto, e precisa agora ser retomado no seu fechamento: “menor que meu sonho não posso ser”.

Desde o início do projeto em 2013, foram cinco anos de sonhos e de trabalho incessante, para os quais foram praticados diuturnamente o sentido etimológico da cultura como colheita, também expressado no início deste texto, e que está relacionado diretamente com um

último ponto levantado pelo Entrevistado 5: “o desafio de marca maior na gestão desenvolvida, é o de poder contribuir a uma tendência: a centralidade da cultura e da arte no processo de formação universitária em sua relação ensino, pesquisa e extensão” (E5).

Vários foram os incitamentos e aprendizados que, sem dúvida, convidam-nos ainda mais a persistirmos na ampliação do debate sobre políticas de cultura e extensão universitária no Brasil. Embora este tema já não seja incipiente em nosso país, certamente carece de resistência dia após dia para continuar a existir. Mediar um projeto interinstitucional cujas entidades participantes têm características tão distintas implica primeiramente um exercício e esforço contínuo de entendimento de cada uma de suas especificidades, buscando encontrar as soluções que melhor se adequem a cada modelo de gestão. Esta condição apresentou-se de forma bastante evidente nas falas dos gestores.

Embora haja pontos estruturais, metodológicos e de viés administrativo a serem aprimorados para outras possíveis fases do Corredor Cultural, o fato de ser estabelecido um diálogo inédito de trabalho para a criação de um circuito cultural entre as IES da região sudeste já faz dele um projeto de sucesso. O interesse do Ministério da Cultura na multiplicação do Corredor Cultural Sudeste para as demais regiões do Brasil caracteriza o potencial de ação que o projeto apresenta para o efetivo debate entre cultura, universidade e sociedade. Seus objetivos apontam para os princípios da extensão universitária praticada no Brasil, que tem por premissa a indissociabilidade com o ensino e a pesquisa, envolvidos em um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora da universidade com os outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012).

Após a execução do projeto e a avaliação das falas dos entrevistados, é possível dizer

que o clássico tripé de sustentação do ensino superior público do Brasil foi abordado de forma direta pelo Corredor Cultural Sudeste: as instituições entenderam a objetividade da proposta do projeto na formação dos seus alunos e, ao colocarem seus grupos culturais, técnicos administrativos, docentes e estudantes bolsistas para atuarem na execução do projeto. Além disso, fomentaram a elaboração da práxis do conhecimento acadêmico entre universidade e sociedade por meio da cultura.

Tendo em vista as lacunas existentes na proposição de ações culturais como constituintes importantes do processo ensino-aprendizagem em grande parte das IES públicas brasileiras, e ao mesmo tempo o crescimento exponencial da oferta de vagas no ensino superior público do Brasil (SAMPAIO, 2016; LORENZONI, 2017) acreditamos que a execução do Corredor Cultural Sudeste constitui-se como um marco importante na direção apontada pelas diretrizes de educação e políticas culturais de nosso país, visando novas formas de se produzir ações culturais e, principalmente, de criar redes comprometidas com os princípios educacionais. Com o objetivo de registrar os processos e pontuar novas experiências que atuem cada vez mais da dimensão da universidade como relação, na qual a cultura pode ser entendida como importante objeto de interlocução da extensão, chega-se por fim ao desfecho deste artigo.

Que possamos, cada vez mais ser testemunhas destes e de outros processos de transformação do ensino superior público no Brasil, e que a cultura possa demonstrar seu potencial de servir como fôlego à realização de nossos sonhos e para a construção de uma “práxis

política comprometida com a transformação social” (COSTA; SANTOS; GRINSPUN, 2009, p. 355).

Agradecimentos

A realização do Corredor Cultural Sudeste foi possível graças à existência de uma equipe disponível e aguerrida, que desde 2013 não mediu esforços para que o projeto fosse executado. Os sinceros agradecimentos a Jaya Batista, Margareth do Carmo Vieira Junqueira, Carmen Lúcia Rodrigues Arruda, Marcos Luders, João Frederico da Costa Azevedo Meyer, Luiz Carlos (Lu) de Laurentz, Dalva Maria de Oliveira Silva, Ivanei Salgado, André Alexandre Guimarães Couto e Telma Resende.

Os agradecimentos estendem-se também ao Ministério da Cultura/Governo Federal pela concessão dos recursos, ao Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Ensino Superior pelo espaço institucional criado para a materialização do projeto, e às dezesseis IES participantes, a saber: Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – Rio de Janeiro, Instituto Federal Fluminense, Universidade do Estado de Minas Gerais, Universidade Federal do ABC, Universidade Federal do Espírito Santo⁴, Universidade Federal de Lavras, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal de São João del-Rei, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Federal de Viçosa, Universidade Estadual de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Federal de Alfenas e Universidade Federal de Itajubá.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação**. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 2014.

4. Embora a Universidade Federal do Espírito Santo tenha assinado a Carta de Intenções, cadastrado suas propostas culturais e declarado interesse em participar do projeto, por razões institucionais internas sua Diretoria de Cultura acabou por cancelar a participação no decorrer do desenvolvimento da proposta.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Plano Nacional de Cultura**. Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010. Institui o Plano Nacional de Cultura - PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC e dá outras providências. Brasília, DF, 2010.

BRASIL. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Brasília: FORPROEX e SESu/MEC, 2001.

CAUNE, J. P. Préface. In: LADORTUNE, J. (Coord.). **La médiation culturelle: les sens des mots et l'essence des pratiques**. Canadá : Presses de l'Université du Québec, 2012. 226 p.

COSTA, P. M. D.; SANTOS, S. R. M.; GRINSPUN, M. P. S. Z. Extensão universitária e o campo da política cultural. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 352-368, set./dez. 2009. Doi: <http://dx.doi.org/10.22347/2175-2753v1i3.48>.

CORREDOR CULTURAL. Web Site Oficial, 2007. Disponível em: <http://www.corredorcultural.preac.unicamp.br>. Acesso em: 3 set. 2018.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012.

LORENZONI, I. **Censo mostra que ingresso de alunos cresceu 8,5% em 2008**. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32123>. Acesso em: 10 set. 2018.

NUNES JUNIOR et al. Cultura y extensión universitaria en Brasil: un corredor de relatos. In: CONGRESSO ESPAÑOL DE SOCIOLOGÍA: GRANDES TRANSFORMACIONES SOCIALES, NUEVOS DESAFIOS PARA LA SOCIOLOGÍA, 12., 2016, Gijón. **Anales...** Gijón: Federación Española de Sociología, 2016.

RENEX – Rede Nacional de Extensão. **Primeira fase do projeto Corredor Cultural sudeste é iniciada**, 2015. Disponível em: <http://www.renex.org.br/>. Acesso em: 10 set. 2018.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Microdados: Censo da Educação Superior 2015**. Brasília: MEC, 2016.